

MÚSICA NATIVISTA E SEUS FESTIVAIS

Sabrina de Matos Marques

Aluna do Curso de Especialização em Arte - Patrimônio Cultural do Centro de Artes – UFPel

Mario de Souza Maia

Professor Orientador – Etnomusicólogo – Centro de Artes – UFPel

Resumo

O presente trabalho versa sobre o movimento musical popular existente no Rio Grande do Sul denominado nativismo e seus festivais, que são os maiores eventos deste movimento. Predominantemente musical, o nativismo busca um fortalecimento da cultura regional do estado através da música produzida pelos seus adeptos. Aborda o tema sobre a ótica da identidade cultural e suas transformações.

Palavras-chave: Música – Regionalismo – Festivais Nativistas.

As culturas regionais têm por característica, entre outras coisas, serem fortes e tradicionais. No Rio Grande do Sul, como em outros estados do Brasil, não é diferente, e isso se percebe em praticamente tudo que se faz. Culinária, trajes típicos, músicas entre outros, são elementos da cultura que fazem parte do dia-a-dia deste povo. A manifestação cultural de um povo é um fator relevante na formação de uma identidade cultural e no Rio Grande do Sul vem acontecendo há 40 anos um movimento que desde seu início vem buscando fortalecer e manter uma identidade a partir de um passado mais tradicional: o nativismo.

A cultura em uma sociedade nasce das diferentes relações que o indivíduo possui com o ambiente que o rodeia. Relações estas com a natureza, onde o espaço natural se transforma em um espaço cultural; com ela mesma, quando descobre e aceita as características próprias; no relacionamento com o próximo, pois se aprende com o outro, ensina-se ao outro, faz-se “acordos” em nome da coletividade, ou seja, espaço cultural da sociedade; e com o transcendente, que ocasionou e ocasiona ainda o surgimento de religiões que buscam relações entre homem e espiritualidade. Isso demonstra o caráter dinâmico das culturas, que estão sempre em transformação.

Tal cultura constrói uma identidade coletiva que põe em relevo o inconsciente coletivo. Segundo HALL (2000) obtém-se três conceitos diferentes de identidade a partir do sujeito: do Iluminismo, que trata a identidade como

seu centro essencial, seu caráter, o seu “eu” interior. O sociológico – que será utilizado como base neste estudo e o pós-moderno que diz que absorvemos identidades temporárias devido à alienação imposta pela globalização e sua impessoalidade.

Para o autor, a concepção de identidade do sujeito sociológico diz que:

A identidade é formada na “interação” entre o eu e a sociedade. O sujeito ainda tem um núcleo ou essência interior que é o “eu real”, mas este é formado e modificado num diálogo contínuo com os mundos culturais “exteriores” e as identidades que esses mundos oferecem. (HALL, 2000 - grifos do autor).

Partindo desta definição entende-se que o indivíduo parte da sociedade com suas interações sociais amplas – assim como o contrário – para que seja estabelecida uma identidade. Ele se projeta a essa sociedade, ao mesmo tempo em que interioriza valores e significados dela que passam a fazer parte dele.

A cultura de uma nação é transmitida através dos anos pelas diferentes gerações que ali habitam. São atividades e sistemas de símbolos que são passadas não só de pais para filhos, mas também pela própria sociedade. Ao nascermos em determinado país, passamos a fazer parte de um sistema já existente por muitos anos, e à medida que vamos nos formando como pessoa humana, pensante e produtora dentro desta sociedade, interiorizamos toda a simbologia que compõe este sistema e assim nos sentimos pertencentes a uma cultura e nos identificamos com/e através dela.

Cabe ressaltar que por mais antiga que seja uma cultura ela dificilmente se apresenta hoje tal qual seus primórdios. Apesar de muitas manterem sua essência e buscarem estar sempre próxima as suas tradições e valores com certeza houve modificações ao longo do tempo, pois diversos fatores contribuem para sua transformação.

É muito difícil que hoje obtenhamos registros de como surgiram os sistemas de símbolos que formaram as sociedades. Porém tem-se uma noção, ou talvez uma impressão, através do que foi sendo passado pelas gerações e pela história, de como se formou uma determinada cultura. É um fenômeno

social que acaba criando uma memória. São elementos que vivenciados ou não passam a ser revestidos por uma importância significativa, individual ou social, que formam as identidades, uma memória coletiva. Cria-se uma projeção de um passado com o qual nos identificamos como se realmente tivéssemos ajudado a construir.

Mais uma vez é prudente destacar que por ser a memória um fenômeno diretamente ligado à cultura, ela também está sujeita a transformações. Apropriamo-nos de fatos para suprir a necessidade de dar respostas sobre nossas origens através de um passado que nos é impossível lembrar, mas que está tão vivo para nós como se realmente tivéssemos feito parte dele. “É como se o dever da memória fizesse de cada um o historiador de si mesmo” (PIPPI, 2005) e assim, como sujeito – sociológico, ao externar suas memórias e absorver as da sociedade mantém-se o ciclo que faz com que as memórias passem a ser coletivas fortalecendo a identidade cultural de um povo/nação.

A cultura regionalista gaúcha caracteriza-se por uma busca constante da manutenção de suas raízes, mesmo nos tempos globalizados que se vive. Apesar das transformações sofridas ao longo do tempo, algumas tradições¹ marcantes ainda são identificadas.

Quanto aos aspectos ideológicos instaurados em toda a produção cultural, e que no caso em questão podem referir-se ao “mito do gaúcho”, Jacks (2003) citando alguns estudos, diz que ele foi construído desde muito tempo pela literatura e pelas historiografias oficiais,

uma das características básicas é o enaltecimento de um passado guerreiro, onde o historiador busca nas lutas fronteiriças com os castelhanos vitórias grandiosas, lances de heroísmo e, dominando o cenário de pampa, ‘verdadeiro campo de batalha’, encontra-se a figura altaneira, viril e destemida do gaúcho, ‘centauro dos pampas’, ‘monarca das coxilhas’.

¹ Vale ressaltar que as tradições encontradas na cultura do Rio Grande do Sul foram produzidas em dado momento, quando se instaurou o tradicionalismo e sentiu-se a necessidade de buscar nas características do povo que formou o estado, bem como nos colonizadores, formas de relações, costumes e crenças para formar esta tradição inventada – baseada nos conceitos de Eric Hobsbawm – por pesquisadores como Paixão Côrtes e Barbosa Lessa.

A partir destes pressupostos, a origem do povo gaúcho está ligada ao campo, a vida campeira – laçar, domar e marcar potro, conduzir tropa e sair para a faina diária quebrando a geada nas madrugadas de inverno. A virilidade passou a ser a qualidade mais exigida e apreciada do gaúcho, porém, em algumas regiões do estado os grandes estancieiros da época não descuidaram da educação de seus filhos homens que na maioria das vezes, eram mandados para a Europa para estudar. Aqueles que não saíam do país estudavam no Rio de Janeiro, na época ainda capital do Brasil. Estes voltavam formados, cultos, alguns doutores, mas na volta o seu lugar já estava definido pelo pai: a frente dos seus negócios – estância que podia ser de criação de animais, charqueadas², ambas e entre outras.

A figura do gaúcho, alimentada e enriquecida pela legenda, ia projetar-se no tempo e ganhar espaço, já agora liberta de seus caracteres primitivos, e acabaria como uma espécie de mimetismo sociológico, absorvendo na sua estrutura moral todos os rio-grandenses identificados com a terra não só por filiação histórica, mas ainda por aculturação ou adesão afetiva (Vellinho, 1969)

Muitas peculiaridades da cultura regionalista gaúcha vêm desta época, tornando-se hoje elementos fundamentais na sua construção.

Plantio, criação de animais, trabalhos domésticos e a indústria caseira formaram as primeiras relações de produção desenvolvendo a economia local.

A alimentação era quase toda extraída da propriedade, lavoura e de animais – as diversas maneiras de assar partes especiais do animal apuraram o gosto do churrasco.

Como bebida, começou bem cedo o largo uso do MATE. Ele foi também o principal veículo dos remédios com propriedades genéricas de certas ervas (chás) descobertas ou reveladas pelos índios e negros. Toda a medicina do gaúcho cabia na sua cuia (Xavier, 1969)

² Estabelecimento onde se dá o tratamento da carne no qual ela é desmanchada em mantas e é seca ao sol em varais, depois de bem salgadas. Deu origem a principal indústria nascida nas estâncias – a do charque.

As relações sociais se davam através das festividades – principalmente as religiosas – que era quando as pessoas vindas de estâncias próximas se reuniam. Para os homens havia festas específicas como as “carreiras de cancha reta” – corrida de cavalos, geralmente organizada ao lado de um bolicho³, em lugar escolhido: terreno plano, com árvores capazes de dar boa sombra.

Aos poucos as pequenas junções próximas às estâncias foram se fazendo vilas, que foram se estruturando e transformaram-se em cidades. O campo por muito tempo ainda foi a maior fonte de economia, pois mesmo os estancieiros que já moravam nestas cidades, mantinham a estância e sua produção.

A mudança brusca⁴ da economia do Rio Grande Sul – que de semi-feudal passou a ser pré-capitalista – é um dos motivos pelo qual o povo tenta manter suas raízes e tradição.

Durhan, citado por Jacks (2003) diz que:

As culturas regionais, como tudo no âmbito da cultura, possuem elementos de inovação e elementos tradicionais, o que constitui a dinâmica cultural, que é tão móvel e ambígua quanto a sociedade em que está inserida. Assim, a morte de certos padrões culturais apenas significa que as situações que lhes deram origem não mais existem ou foram alteradas para enfrentar novas situações.

Foi visto que a cultura nasce da relação dos homens com ele mesmo e com o ambiente em que está inserido, e que destas relações nascem elementos que caracterizam muito cada cultura.

Estes elementos se encontram em várias segmentos, como na dança, na vestimenta e objetos, na música, na literatura, no vocabulário e nos movimentos populares.

Como em todas as regiões do Brasil, o Rio Grande do Sul possui o seu sotaque próprio, caracterizado por um tom de voz mais forte e imponente. E dentro disto, encontram-se palavras – vocábulos – e expressões próprias que

³ Pequeno comércio de beira de estrada onde se vende produtos diversificados.

⁴ No Rio Grande do Sul esta passagem, que na Europa durou mais de cinco séculos, foi de menos de dois séculos. (Xavier, 1969)

denunciam a cultura. Um exemplo forte destes vocábulo é o “Tchê” ou “Chê” palavra derivada do guarani “che” que significa meu/minha, meus/minhas. Utilizado para se dirigir ao próximo seja ele amigo ou estranho.

Homem do campo, rústico, cheio de causos – contos, histórias – de guerras e batalhas. É este homem que a literatura gaúcha apresenta em suas escritas. Para Cesar (1969) o

sentimento da natureza, estimulado pelo fluxo romântico, fez que os gaúchos buscassem com fervor as marcas da sua originalidade crioula. (...) O pampa, a atividade pastoril, as lutas de fronteira, quer dizer – a sociedade formada em função da estância e da guerra passou a deter a preferência, enquanto tema, de prosadores e poetas. Essa busca de motivos campeiros, centrada no “gaúcho”, no herói em vias de mitificação, (...) veio assim encontrar na Campanha a sua mina quase exclusiva de assuntos – da motivação à linguagem. Estava finalmente implantado o regionalismo.

Exemplos estão na trilogia de Érico Veríssimo “O Tempo e o Vento” (1949) que conta a saga de uma família gaúcha desde as missões jesuíticas, passando pela Revolução Farroupilha até Getúlio Vargas. Os Contos Gauchescos (1912) de Simões Lopes Netto onde se encontra muitos feitos, estórias de bravura e romance de campo. Será da literatura que surgirá a base das poesias encontradas nas músicas regionalistas do povo gaúcho.

A música mais representativa da alma popular nativista é a campeira. Nesta linha encontram-se diversos ritmos como chamarra, polca, valsa, rasguido, vaneira, entre outros. Com influência direta da fronteira – uruguaia e argentina - tem-se ritmos como a chacarera, o chamamé e a zamba. O nativismo, movimento que será estudado adiante, é basicamente um movimento musical e que tem nos festivais nativistas seus principais eventos.

O Movimento nativista e o ciclo dos festivais

A música é uma forma de arte que constitui-se basicamente na combinação sucessiva de sons e silêncios. Construída através da prática humana é considerada como uma produção artística e cultural.

A significância e até mesmo a definição da música variam de acordo com a cultura e o contexto social.

Med (1996) diz que “a música não é apenas uma arte, mas também uma ciência”. Pode-se inteirar nesta afirmação que não apenas uma ciência no significado da palavra, mas que se bem trabalhada pode ser fonte de informação, crítica, educação e não apenas entretenimento.

A década de 70 no Brasil foi um marco na história política e social. Em meio a uma ditadura e muita repressão, viu-se surgir inúmeros festivais de música – muitas delas de protestos – pelo país. Música popular brasileira era o que se produzia. No Rio Grande do Sul, também se realizou festival voltado à produção de músicas populares. Entretanto a música regionalista gaúcha não emplacou neste meio, apesar de ser, sobretudo, popular e brasileira. O regionalismo foi um dos motivos dados para que estas músicas não aprovassem nestes festivais.

Júlio Machado da Silva Filho e Colmar Duarte inscreveram, no I Festival da Canção Popular da Fronteira, uma milonga chamada *Abichornado* [...] mesmo tendo ouvido de amigos que faziam parte da organização do evento, que sua canção não seria classificada por se tratar de coisa regional, o que efetivamente aconteceu. (Santi, 2004)

Após o episódio, Colmar Duarte inconformado com a desclassificação e pelo fato de terem classificado uma canção com letra em espanhol e outra que tinha como tema a seca do Nordeste brasileiro, teve a ideia de fazer um festival que aceitasse apenas canções regionalistas gaúchas. Foi a partir desta ideia inicial que em 1971 na cidade de Uruguaiana nascia a *Califórnia da Canção Nativa*, o primeiro festival de música regionalista gaúcha do Rio Grande do Sul, surgindo assim o Movimento Nativista.

Na contracapa do disco da I Califórnia da Canção Nativa encontra-se a explicação pela escolha deste nome

[...] vem do grego, [e] significa “conjunto de coisas belas”. No RS, chamaram-se “califórnicas” as incursões que Chico Pedro, na Cisplatina, a fim de resgatar os bens de brasileiros lá radicados que sofriam perseguições (1850). Mais tarde,

“califórnia” passou a designar corrida de cavalos da qual participassem mais de dois animais [...]. Com as significações de “conjunto de coisas belas” e “competição entre vários concorrentes em busca de grandes prêmios” foi que o nome CALIFÓRNIA DA CANÇÃO NATIVA prevaleceu entre seus idealizadores.

Nativismo segundo alguns estudos⁵ é toda ação que procure valorizar a cultura de um lugar, em relação à imposição de uma cultura externa, em geral dominante. O nativismo faz-se sentir especialmente na história dos povos que foram colonizados por outros, muitas vezes através de revoltas e motins, culminando mais adiante na própria emancipação - ou na completa aculturação.

Assim, o nativismo é um movimento predominantemente musical, desencadeado pela criação de festivais de cunho nativistas na década de 1970, que alcançou seu auge nos anos 80. Os adeptos do movimento se concentram principalmente em festivais (diferente dos tradicionalistas, que se concentram em CTG's), e é um movimento formado por músicos que buscam mostrar um trabalho profundamente ligado as raízes da cultura gaúcha.



4ª Capela da Canção Nativa/2009
(Pirisca Grecco, Leonardo Paim e Clarissa Ferreira)
Foto Sabrina Marques

Embora o seu significado não tenha sido definido antes da sua popularização, o nativismo ganhou proporções que o fizeram entrar em confronto com o tradicionalismo. A polêmica entre tradicionalistas e nativistas

⁵ Estudos encontrados em sites como:
<http://www.redescobrinodoobrasil.hpg.com.br/asrevoltasnativistas.htm> e
<http://www.historiabrasileira.com/brasil-colonia/revoltas-nativistas/>

foi desencadeada pelos primeiros em vista da dimensão conquistada pelos últimos, pois prejudicavam o controle ideológico do Movimento Tradicionalista. Segundo Oliven (1992), em 1986, uma década após o surgimento do nativismo, os jornalistas Juarez Fonseca e Gilmar Eitelwein, arriscaram uma definição ampla do movimento:

Não se pode dizer que exista de direito um Movimento Nativista, mas é inegável que ele existe de fato. O nativista não é dogmático, não está ligado a critérios pré-estabelecidos [...]. Em música, quer experimentar, criar sem que alguém lhe esteja permanentemente avisando que tal coisa pode e tal não pode [...]. Os nativistas querem vestir-se como gostam, e não segundo cânones e figurinos tradicionalistas. (apud Santi, 2004)

Os tradicionalistas mais radicais não admitem o fato de existir outro movimento do porte do Tradicionalista acontecendo paralelamente, dizem que o Nativismo não existe como movimento, que é apenas uma derivação do criado por eles em 1948. Paixão Côrtes, um dos mais famosos tradicionalistas diz que:

Se hoje existe esta corrente musical-poética-jornalística intitulada Nativismo, ela não é nada mais, nem menos, do que uma decorrência dos hábitos e dos costumes que o Movimento Tradicionalista criou para desenvolver. [...] O que há, são pessoas que vivem em Porto Alegre, que fazem a vida noturna da cidade, que participam dos festivais, que se autodenominam nativos, mas que não sabem nem as origens da terra onde nasceram e vivem tocando em bares e festivais. (apud Jacks, 2003)

Porém alguns tradicionalistas como Barbosa Lessa e Antônio Augusto Fagundes, já tratam o nativismo com menos aspereza. Fagundes (1997) define o nativismo como “o amor que a pessoa tem pelo chão onde nasceu, onde é nato. [...] A arte que nasce da terra”. Ou seja, ele o aproxima mais da natureza do que da cultura.

Já para Lessa (1985) não há diferença essencial entre os movimentos tradicionalista, no qual participou da fundação na década de 40, e o nativismo. “Este é mera atualização daquele, tendo incorporado boa parte das transformações culturais porque passou o mundo nas três décadas que os separam, o que não é pouca coisa”.

Ambos os movimentos persistem até hoje. Segundo Jacks (2003) o tradicionalismo não ocupa mais o mesmo espaço de antigamente e o nativismo ganha cada vez mais adeptos, principalmente vindos do MTG. Também é importante ressaltar que muitos gaúchos participam dos dois movimentos sabendo diferenciar e respeitar cada qual com os seus fundamentos, pois apesar de terem ideias diferentes são parte da mesma cultura: a gaúcha.

A música nativista no Rio Grande do Sul, segue um tipo de convenção que a separa do conceito de nativismo que como defende o tradicionalista e antropólogo Augusto Fagundes é “a arte que nasce da terra” (1997), ou seja, independente de ritmos e gêneros, toda música que retrate o amor pelo local onde é nato, ou que retrate este local é nativista, o que não vemos no caso da música tida como manifestação cultural do Rio Grande do Sul, pois para ser definida dentro do nativismo ela deve seguir certos ritmos e padrões definidos. O regulamento da V Califórnia da Canção Nativa (1975) diz que música do Rio Grande do Sul é: “aquela que evidencia o tema da terra gaúcha, fundada em seus ritmos folclóricos”. Estes por sua vez seriam conjuntos de gêneros específicos de canção dados como característicos do estado por pesquisadores como Barbosa Lessa e Paixão Côrtes.

Os festivais nativistas, como já foram citados anteriormente são os principais agentes da difusão e divulgação da música nativista. Dos festivais nativistas surgiram instrumentistas, compositores e especialmente intérpretes - solistas ou em grupos que, pouco a pouco, vão fazendo suas carreiras. Nunca é demais repetir que a pujança musical gaúcha é imensa com centenas de profissionais, tanto os que participam ciclicamente dos festivais - cada vez com premiações mais atraentes⁶, como fazendo shows/apresentações em feiras, ginásios e em teatros.

⁶ Como exemplo temos o festival “O Rio Grande canta o Cooperativismo” onde o primeiro lugar além do troféu recebe uma quantia de R\$7.000,00 e a “Sapecada da Canção Nativa” de Lages/SC que premia o seu ganhador com R\$ 12.000,00. Além destes a premiação ainda se



4^a Capela da Canção/2009
(Vitor Manzke e Raineri Spohr)
Foto Sabrina Marques

Aramis Millarch, jornalista especializado em música e cinema do Brasil, escreveu vários artigos sobre o nativismo gaúcho. Segundo ele uma prova de como um movimento musical, bem estruturado, cresce e se impõe é que hoje já passam de cinquenta os festivais nativistas que acontecem no Rio Grande do Sul. “A partir da primeira Califórnia, em Uruguaiana, o *boom* nativista se espalhou pelos principais municípios e praticamente todos os eventos ganharam registros em discos, estimulando compositores, cantores e instrumentistas - muitos dos quais hoje nomes nacionais (Kleitton & Kleidir, Renato Borghetti, entre outros) que tiveram seu começo musical dentro dos festivais” (Millarch, 1992).

Dentre o ciclo de festivais existentes anualmente no estado está o “Reponte da Canção” de São Lourenço do Sul que no ano de 2011 realizou a sua 27^a edição.

Um artigo publicado no site da Prefeitura de São Lourenço do Sul, em 2008, relembra a trajetória deste festival pela visão de Sergismar Crespo Shild,

estende a segundo e terceiro colocado e prêmios especiais como melhor intérprete, instrumentista, melhor poesia, melhor melodia e entre outros.

um dos idealizadores do festival. “A primeira edição do Reponte começou a ser idealizada em abril de 1983, pelo então prefeito Rudh Hübner e em comemoração ao centenário de São Lourenço do Sul”. No entanto, o festival só viria a se concretizar em abril de 1985. Organizado em parceria com o CTG Sepé Tiarajú, a primeira edição ocorreu no Ginásio Nedilandi Vargas Correia. Somente no ano seguinte o Reponte passaria para o Galpão Crioulo do Camping da Lagoa, construído para abrigar o evento. A partir do ano seguinte, o Reponte passou a ocorrer em março, encerrando a programação oficial de verão do Município.

Um dos diferenciais do Reponte após algumas edições foi a possibilidade de participação de músicas inscritas em outros festivais e não selecionadas para concorrer, o que na época fora uma inovação. Daí o nome do festival. “A origem do nome Reponte está na palavra repontar, o que para os campeiros significa juntar, trazer de volta”, explica Schild, “o único critério era o de que a música concorrente não tivesse sido gravada”.



25º Reponte da Canção / 2009
(Luis Marengo, Aluísio Rockembach, Beto Borges, Mandeco)
Foto Sabrina Marques

O “Reponte da Canção” hoje é um dos grandes festivais do estado. Ele e a “Coxilha Nativista” de Cruz Alta/RS que neste ano vai para sua 31ª edição são os únicos festivais sem interrupção de edições, acontecendo anualmente desde seu surgimento. A “Califórnia da Canção”, primeiro festival do estado não acontece desde sua edição de 2009. O principal problema enfrentado pela organização é a falta de recursos financeiros que acabam por refletir na cultura.

Mesmo sendo considerado por lei como Patrimônio Cultural do Rio Grande do Sul, o Califórnia fica prejudicado pela falta de verba.

“A música, escrita pelo compositor, para ser percebida pelo ouvinte, necessita de um intermediário, ou melhor, de um intérprete” (Med, 1996).

Alguns dos nomes mais expressivos da música nativista ajudaram a escrever a história dos festivais, tais como: Borguetinho, Neto Fagundes, Luiz Marengo, João de Almeida Neto, Délcio Tavares, Daniel Torres, Joca Martins, entre outros.

Os músicos nativistas em sua maioria são músicos de festivais, pois apenas uma pequena parcela destes consegue levar para outros palcos a sua arte. E mesmo com carreiras solo, muitos ainda são frequentadores ativos dos festivais por acreditarem que eles ainda são os maiores difusores da questão nativista.

Além disso, é válido ressaltar o intercâmbio cultural que os festivais possibilitam, pois são aceitos além de obras de artistas gaúchos, músicas oriundas de todo o Conesul⁷. Sendo assim, a troca de experiências entre artistas de todos os cantos do estado e alguns de fora dele, dão o caráter dinâmico desta manifestação que mesmo pretendendo preservar uma identidade regional é adepta às transformações naturais que devem ocorrer, pois cultura, como já foi dito, não é algo estático e está sempre sujeita a modificações.

Bibliografia e Fontes Consultadas

GLOBO ED. (Org.). **Rio Grande do Sul: Terra e Povo**. Porto Alegre: Ed. Globo, 1969.

ALVES, José Edil de Lima; DUARTE, Colmar Pereira. *Califórnia da Canção Nativa: Marco de mudanças na Cultura Gaúcha*. Porto Alegre: Movimento, 2001.

⁷ Argentinos e Uruguaios são os principais representantes dos países que formam o Conesul nos festivais nativistas, além de brasileiros de outros estados como Santa Catarina, Paraná, São Paulo e Mato Grosso.

JACKS, Nilda. *Mídia Nativa: Indústria Cultural e Cultura Regional*. Porto Alegre, RS: Universidade/UFRGS, 2003.

HALL, Stuart. *A identidade cultural na pós-modernidade*. Rio de Janeiro: DP&A Editora, 2000.

LESSA, Luiz. *Nativismo*. Porto Alegre, RS: LP&M, 1985.

MED, Bohumil. *Teoria da música*. Brasília: MusiMed, 1996.

SANTI, Álvaro. *Do Paternon à Califórnia: o Nativismo Gaúcho e suas Origens*. Porto Alegre: UFRGS, 2004.

<http://www.saolourencodosul.rs.gov.br/secretarias> acessado em 10/09/2009.

<http://www.millarch.org/> acessado em 11/09/2009.

<http://www.redescobrimdoobrasil.hpg.com.br/asrevoltasnativistas.htm> acessado em 20/05/2010

<http://www.historiabrasileira.com/brasil-colonia/revoltas-nativistas/> acessado em 20/05/2010